

# **Vestígios de ocupação proto-histórica e romana na envolvente da Torre de Evoramonte: resultados de uma intervenção de salvaguarda**

Teresa Costa

## **RESUMO**

Intervenções arqueológicas em Evoramonte, na envolvente da torre ducal quinhentista, revelaram indícios arquitectónicos e artefactuais de uma ocupação desde o Bronze final até ao século IV d.C.

## **ABSTRACT**

Archaeological interventions in the surroundings of fifteenth century ducal tower of Evoramonte provided architectonic and material evidence of occupation from Bronze Age until 4<sup>th</sup> century of our Era.

## **1) INTRODUÇÃO**

As intervenções arqueológicas realizadas entre 2004 e 2005 no âmbito do projecto de «Requalificação paisagística da envolvente da torre de Evoramonte», responsabilidade do então IPPAR-Évora (fig.1), permitiram identificar indícios de ocupação proto-histórica e romana na parte mais elevada da vila, a 479m de altitude<sup>1</sup>. Esta é dominada pela torre erigida nos inícios do século XVI pelo duque de Bragança, assentando sobre uma plataforma ovalada com sensivelmente 28m de comprimento e 24m de largura. A intervenção permitiu aferir que os panos NO e SE da torre assentam directamente sobre o afloramento rochoso, sendo evidente que esta construção destruiu parcialmente estruturas e contextos preexistentes naquela plataforma (Costa, Liberato e Pinho, 2007; Costa e Liberato, 2008).

Os vestígios evidenciaram-se em três tipos de contextos (fig.2):

1) Sondagem 3, de 2x2m, situada no limite NO da plataforma envolvente da torre, com nível de ocupação do Bronze Final e Idade do Ferro nas unidades [308] e [309], assente sobre uma estrutura de carácter defensivo.

2) Área 7, de 6x4m, aberta entre os cubelos Norte e Oeste da torre, com estratos proto-históricos e romanos nas unidades [726], [732], [736] e [739], incluindo artefactos de cerâmica comum e construção, numismas e vidros, associados a uma estrutura de funcionalidade discutível.

3) Espólio descontextualizado, exumado

preferencialmente na área 5, com 10x2m e localizado entre os cubelos Sul e Este da torre, em unidades

estratigráficas de revolvimento relacionadas com contextos de cronologia medieval e moderna.

## 2) RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

### 2.1) SONDAGEM 3

A estrutura aqui identificada com a unidade [311], com orientação Este - Oeste, era composta por estreitas lajes de xisto sobrepostas, assentando sobre o afloramento rochoso [310]. Este foi afeiçoadado para criação de uma vala fundacional sobre a qual assenta a estrutura. A técnica construtiva foi a da alvenaria seca, trancada lateralmente por lajes em cutelo. Com cerca de 0,80m de largura e ligeira tendência curvilínea, limitaria a plataforma superior do cabeço, onde actualmente se insere a torre quinhentista (fig.3).

O sedimento que cobria a estrutura, as unidades [308] e [309], continha carvões, nódulos informes de barro cozido com 2-3cm de diâmetro e abundante cascalho xistoso, de pequena e média dimensão, proveniente do desagregamento do afloramento e da destruição de lajes e blocos pétreos. Distingua-se dos diversos estratos superiores, correspondentes a despejos com materiais de cronologia medieval e moderna, por conter espólio atribuível ao Bronze Final e Idade do Ferro, embora escasso e fragmentado (fig.4).

Este é caracterizado por cerâmicas de pastas cinzentas homogéneas, castanhas com núcleos cinzentos ou castanhas com engobe cinzento. Um grupo apresenta finos desengordurantes calcários e micáicos, sendo as superfícies bem brunidas; outro inclui elementos não plásticos mais numerosos e de maior calibre visíveis à superfície, sobretudo calcários, mas também ferrosos, quartzíticos e micáicos, sendo as superfícies medianamente alisadas.

Entre as primeiras destaque-se as taças carenadas com decoração brunida (1429, 1454), uma taça hemisférica (1456) e um pequeno recipiente de forma fechada com bordo extrovertido (1455). Uma taça carenada (837) idêntica às anteriores foi exumada num estrato superior [305], em contexto de revolvimento (fig.5).

Estas formas carenadas destinavam-se ao consumo e/ou confecção de alimentos e têm afinidades com materiais exumados em povoados vizinhos com ocupação do Bronze Final. Refiram-se o Alto de São Gens, no Redondo (Mataloto, 2004, 154, fig.17, SG[5]1 e SG[5]3; *Ibid.*, 153, fig.16, SG[3]22), o sítio dos Soeiros, em Arraiolos (Calado, Deus e Mataloto, 1999, fig.4, nº4), o Castelo do Giraldo, em Évora (Mataloto, 1999, fig.3, nº4) e o Castro dos Ratinhos, em Moura. Neste último sítio as taças da variante B do tipo VI assemelham-se à 1454, ao passo que as da variante A são idênticas à 1429 (Berrocal-Rangel e Silva, 2010, 295, fig.139).

Relativamente à taça hemisférica (1456), a presença deste tipo de elementos na camada sedimentar *in situ* que assenta sobre a estrutura, juntamente com as taças carenadas permitir-nos-ão considerar a hipótese de, à semelhança do repertório formal exumado no Alto de São Gens (Mataloto, 2004, 162, fig.22), estarmos em presença de uma cronologia de transição entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, em torno do século VII a.C., em que ambas as formas estão representadas (Mataloto, 2004, 165).

O segundo conjunto cerâmico remete para recipientes fechados de média/grande dimensão, destinados à armazenagem e confecção de alimentos (fig.6). Destaque-se o fundo plano de um contentor de pasta grosseira (1445) e um fragmento de pote com corpo de tendência globular (1428). Esta última filia-se na cerâmica comum de origem local ou regional da Idade do Ferro, detectada por exemplo no sítio dos Soeiros (Calado, Deus, Mataloto, 1999, fig.6, nº5).

Finalmente detectou-se, em nível de revolvimento [305], um fragmento assaz erodido de cerâmica campaniense (779), atribuível ao “círculo da B”, de finais do século II a.C. e princípios da centúria seguinte.

## 2.2) ÁREA 7

Neste sector intervencionado detectou-se, a 20cm de profundidade, uma estrutura constituída no seu alcado máximo por quatro fiadas de pedras maioritariamente em xisto local e, em menor número, de granito [722]. O aparelho da construção pétreia era composto por fiadas ligadas por terra e nódulos de barro, que venciam o desnível topográfico do terreno. Os blocos do paramento eram irregulares, de pequena a média dimensão, sendo apenas uma das faces afeiçoada e o cerne preenchido com pedra miúda (fig.7).

Quanto à sua implantação em secção, a edificação estava adossada e assentava sobre o afloramento [712], afeiçoado em ângulo recto para a receber. Sob a fiada inferior foram colocados pequenos elementos pétreos para nivelar a estrutura. A conjugação destas técnicas conferia certamente uma maior estabilidade à base do edifício. Tais processos de edificação corresponderão a uma opção construtiva, porventura condicionada pela disponibilidade de meios, aplicada em soluções arquitectónicas similares, nomeadamente em estruturas de apoio aos vários modelos de instalação verificados no âmbito da “romanização” do meio rural, no 3º quartel do século I a.C. (Rodríguez Díaz, Ortiz Romero, 1989; Mataloto, 2002, 193-4; *Ibid.*, 2004, 127-8; *Ibid.*, 2008, 136). Estas técnicas ditaram o bom estado de conservação do aparelho, uma vez que o nivelamento da plataforma para a construção da torre bragantina implicou “apenas” a destruição das pré-existências no topo da plataforma até ao afloramento. Assim, o remanescente da estrutura permaneceu protegido pelo desnível topográfico do terreno.

Se atentarmos à planimetria da construção verificou-se a existência de três panos, adaptados aos recortes do substrato rochoso (fig.8): um segue paralelo ao eixo da torre, com orientação SO-NE, com 4,4m de comprimento máximo; outro forma um ângulo de 90º com o anterior, na direcção SE-NO, medindo 3m de comprimento; por último, regista-se nova inflexão para SO, com 1,1m de comprimento máximo na área escavada. Este último distingue-se dos restantes por se compor basicamente de uma laje em xisto (0,90x0,28x0,06m), assente sobre sedimento da unidade [738] contendo mescla de materiais proto-históricos e romanos; o seu aparelho parece indicar uma alteração construtiva, constituindo-se provavelmente como entapamento de uma passagem, numa fase posterior à da restante construção. Não foi possível no âmbito da área escavada obter a extensão

completa de nenhum dos paramentos, podendo no entanto calcular-se a sua largura média em cerca de 0,70m, a partir da porção conservada no troço SE-NO.

Adjacentes à estrutura conservavam-se unidades sedimentares - [726], [732], [736] e [739] - equivalendo o topo da primeira à altura máxima conservada da estrutura (fig.9). Esta deposição das camadas estratigráficas era constituída por um denso derrube de blocos de xisto de pequeno a médio calibre, um grande silhar paralelipipédico em granito (0,70x0,42mx0,34m) e abundantes *tegulae* e *imbrices*, nas quais se observaram digitacões (fig.10). Igualmente numerosa é a presença de fragmentos informes de barro cozido de dimensões variáveis, com desengordurantes quartzíticos e xistosos de pequena a média dimensão e negativos de matéria vegetal, envoltos em sedimento de matriz argilosa de tom castanho muito escuro, correspondentes ao colapso do conjunto. Esta ocorrência poderá indicar que a parede era composta maioritariamente por materiais perecíveis, mas também revelar uma intensa exposição solar do barro de revestimento. A secção horizontal do afloramento rochoso, que corresponderia ao piso do compartimento, foi afeiçoada e coberta por uma fina camada de argila compacta.

Naqueles estratos recolheu-se material com uma diacronia a partir do Bronze Final até ao Baixo-Império, sendo por vezes complexa a distinção entre as ocupações, matizadas pela previvência secular de um substrato de tradição indígena. Em relação ao Bronze Final subsistiu uma taça carenada (1478), produzida manualmente, com as superfícies brunidas (fig. 11); tem afinidades em material exumado no Castelo do Giraldo (Mataloto, 1999, fig.3, nº4). A ausência de perfil completo impossibilitou uma atribuição formal ao fragmento de bojo com mamilo cónico 1659 (fig.11), por exemplo com paralelo no Alto de São Gens (Mataloto, 2004, 150, fig.13, nº3), mas cujo modelo irá perdurar na baixela cerâmica da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular.

A produção local e regional de repertório cerâmico sidérico inclui, neste conjunto de Evoramonte, uma série de taças troncocónicas produzidas ao torno, de diâmetro variável e superfícies polidas (1676, 1766, 1771, fig.12). Este tipo está presente em assentamentos com cronologia dos séculos VII-VI a.C., como o Monte da Estrada 2 (Calado, Mataloto, Rocha, 2008, 147, fig.19, nº27), mas também em sítios mais tardios, dos séculos V-IV a.C., como a Malhada das Taliscas (Calado,

Mataloto, Rocha, 2008, 155, fig.9, nº7), a Sierra de La Martela (Enriquez Navascués, Rodríguez Díaz, 1994, 123, fig.8, nºs 4 e 5), El Risco (Enriquez Navascués, Rodríguez Díaz; Pavón Soldevilla, 2001), Cantamento de la Pepina (Rodríguez Díaz; Berrocal-Rangel, 1988, 236, fig.16, g/h), ou a Ermita de Belén (Rodríguez Díaz, Coord, 1991, 44, fig.14, nº1).

Recolheu-se, ainda, em contexto de revolvimento [706], uma pequena taça de bordo simples (2074, fig.12). Estas estão igualmente presentes no repertório formal da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular, surgindo nomeadamente no sítio dos Soeiros (Calado, Deus, Mataloto, 1999, 9), na rua do Sembrano, em Beja (Grilo, 2006, 46), no Castelo Velho de Safara, em Moura (Costa, 2010, Estampa VI, CVS90), como possíveis elementos de iluminação ou associadas ao consumo de líquidos ou condimentos.

O pote de bordo extrovertido 1763 é atribuível à Idade do Ferro (fig.13), sendo datado dos séculos VI-IV a.C. no sítio dos Soeiros (Calado, Deus e Mataloto, 1999, fig.4, nº6), na Fonte da Calça (Calado, Mataloto, Rocha, 2007, 152, fig.25, nº13), no Gato (*Ibid.*, 2007, 158, fig.33, nº6) e na Casa da Moinhola 3 (*Ibid.*, 2007, 163, fig.41, nº93). Exumaram-se também potes de média capacidade de armazenamento, pasta tosca com irregularidades na superfície e corpo de tendência ovóide (como o 1678, fig.13), idênticos aos da Malhada dos Gagos, dos séculos V-IV a.C. (Calado, Mataloto, Rocha, 2008, 161, fig.38, nº64-70), do Castelo Velho da Serra d’Ossa, do século II a.C. (Mataloto, Alves, Carvalho, 2007, 246, fig.8, nº1), do Sítio dos Soeiros, genericamente classificado como sidérico (Calado, Deus, Mataloto, 1999, fig.6, nº5), ou do Caladinho, com cronologia da Idade do Ferro / época Romana (Calado, Mataloto, 2001, 188, Estampa 35, nº6).

Nos contentores de armazenamento de média/grande capacidade destaque-se o 1807 (fig.13), exumado em níveis de revolvimento [741], mas que se deverá enquadrar neste contexto, tendo paralelo no assentamento do Gato, do século V a.C. (Calado, Mataloto, Rocha, 2008, 158, fig.33, nº13). Refira-se, ainda, o grande recipiente de armazenagem produzido ao torno 1677 (fig.13), presente em contextos sidéricos como a Malhada dos Gagos, dos séculos V-IV a.C. (Calado, Mataloto, Rocha, 2008, 161, fig.38, nº98), ou a Serra da Pedrosa, do século II a.C. (Mataloto, Alves, Carvalho, 2007, 244, fig.4).

Numa das unidades superficiais [720] exumou-se um numisma cunhado em *Sekaisa*, a capital celtibérica

dos Belos, situada na Hispânia Citerior. Possui no anverso uma cabeça masculina olhando para a direita, entre dois golfinhos; no reverso dispõe-se um ginete lanceiro cavalgando para a direita e, no exergo, sob uma linha, surge «*Sekaisa*» em caracteres ibéricos (Costa e Liberato, 2008, 638, fig.17). As cunhagens iniciam-se em 180 a.C., mas estas características remetem este exemplar para a sétima e última cunhagem, entre 133 a.C. e 82 a.C. (García-Bellido e Blázquez, 2001, 342). Encontraram-se moedas deste tipo na Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 1998, Vol.2, 453), no estabelecimento militar de Cáceres el Viejo (Beltrán Lloris, 1976; Fabião, 1998, vol.2, 458), nos centros mineiros da Serra Morena, como Capote (Berrocal-Rangel, 1994, 40; Berrocal-Rangel e Triviño, Eds., 2003, 167), em Villasviejas el Tamuja (Ongil Valentín, 1991; Fabião, 1998, vol.2, 451-2) e em Numância, onde um exemplar tem representação idêntica (Schulten, 1929, tafel 54, nº191). Este achado reforça, pois, o número considerável de exemplares numismáticos da Citerior exumados em contextos alto-alentejanos e extremenos (Fabião, 1998, vol.2, 459). Note-se que já haviam sido descobertos numismas desta cronologia em Evoramonte, dois semisses e um asse da ceca de *Bevipum/Salacia*, além de um asse de cronologia romana republicana (Vasconcellos, 1918, 80, fig.7; Fabião, 1998, vol.2, 446; *Ibid.*, vol.3, 23-4).

Os materiais referentes à ocupação romana abrangem um intervalo cronológico entre o período republicano e o século IV d.C.. O material anfórico corresponde a contentores vinários itálicos Dressel 1, do século II a.C.. Tratam-se de quatro exemplares: um assente no topo da estrutura, outros dois presentes no sedimento associado a esta e um último em nível superior de revolvimento. Este espólio surge frequentemente em contextos militares desta época, como o fortim do Caladinho, no Redondo (Mataloto, 2008, 132, fig.13), a Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 1998, vol.3, 107), o Castelo Velho do Degebe (*Apud.* Fabião, 1998, vol.2, 380), a Lomba do Canho, em Arganil (Nunes, Fabião, Guerra, 1989, 422, fig.7, nº7), Cáceres el Viejo (Beltrán Lloris, 1976) ou Villasviejas el Tamuja (Hernández Hernández, 1993), o Castro de Capote (Berrocal-Rangel, 1992) ou o Porto Sabugueiro, em Muge (Pimenta e Marques, 2008, 189).

A cerâmica campaniense está escassamente representada, subsistindo um fragmento do “círculo da B” (1684) e, em contexto de revolvimento [702], outro pertencente a pátera de Lamboglia 7 (2035). Comuns em assentamentos romanos republicanos, este tipo de material está presente em sítios fortificados como

a Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 1998, vol.2, 322-3 e vol.3, 94-8), o Castelo Velho de Veiros (Arnaud, 1979, 319; Arnaud e Gamito, 1974-7), o castro de Segóvia (Gamito, 1996, 111) ou o sítio dos Soeiros (Calado, Deus e Mataloto, 1999, 16, fig.5, nº8), com cronologias cerca do séc. I a.C. e cuja dispersão se encontra ligada à progressão das hostes romanas no território peninsular (Fabião, 1998, vol.2, 304).

Exumou-se um único fragmento em mau estado de conservação de *terra sigillata* sudgálica (1555), cuja presença neste contexto adianta o limite temporal da deposição para o século I d.C.. A presença deste material em sítios de fundação anterior não é singular, verificando-se a continuidade de assentamentos, como no vizinho Castelo dos Mouros (Mataloto, 2004, 130), mas também no depósito Alto-Imperial de Capote (Berrocal-Rangel e Triviño, 2003, 101-124) ou em Cáceres El Viejo (Beltrán Lloris, 1976).

Foram encontrados quatro fragmentos de vidro nestas unidades estratigráficas, com características idênticas a exemplares recolhidos em níveis superiores de revolvimento. Os vidros apresentam-se irisados e têm qualidade média a boa, tanto ao nível da transparência / opacidade, como do teor de bolhas de ar e impurezas. Foram classificados pela tabela de colorações de Rütti (1991) por azul esverdeado (Blaugrün 319) e verde-maçã (Saftgrün 577) (Quadro 1).

Formalmente o conjunto é constituído por peças abertas de servir à mesa, tipo taças, com ou sem decoração (fig. 14). Subdividem-se em duas categorias,

ambas de bordo soprado ao fogo: por um lado e em clara maioria, as lisas *Phiala* de tipo I, subtipo a), de parede recta com prolongamento do bordo a partir do bojo e sem decoração (1780, 1781, 1779, 1812, 2077, 1834, 2078); por outro, as de tipo I.2, de parede sinuosa, em que o bojo apresenta curvaturas (1833).

Todas estas peças são datáveis entre meados e finais do século IV d.C., segundo paralelo com a oficina de Parreitas, em Alcobaça (Antunes, 2008, 251, fig.29, nº91-95). Exemplares semelhantes foram exumados em níveis arqueológicos de *Scallabis* (Antunes, 2000, 196, nºs 17-19), Conímbriga (Alarcão, 1963) e Torre de Palma (Lancha e André, 2000, 81), com datações entre os séculos IV e V d.C.. O espólio vítreo de São Cucufate abrange igualmente peças de vidro verde similares às de Evoramonte, atribuíveis à segunda metade do século IV até meados do século V; por exemplo, a taça 1779 de Evoramonte é idêntica à nº118 da fase de destruição da *villa* II de São Cucufate, de meados do século IV, integrando-se no tipo Isings 117 (Nolen, 1988, 46, Estampa V, nº121; Isings, 1957), tal como exemplares da Torre de Ares (Nolen, 1994, 183). O material de Evoramonte pode também equiparar-se ao de Alvarelos, integrável na categoria de Isings 116/117 e datado entre meados do século IV e meados do século V (Moreira, 1997, Estampa XXVIII, nº30), ou ao exumado no sítio da Marinha Baixa (Cacia/Aveiro), com a mesma atribuição cronológica (Sarrazola, Silva, Coelho, Melro, 2001, 33 e 37, fig.8).

### **2.3) ESPÓLIO DESCONTEXTUALIZADO**

No âmbito deste projecto foram intervencionados outros espaços, cujos artefactos, embora em contexto de revolvimento, contribuem para caracterizar as ocupações proto-históricas e romanas da plataforma mais alta da colina de Evoramonte. O espólio aqui apresentado foi sobretudo exumado na área 5, cujos materiais e estruturas associadas remetem para a época medieval e moderna.

Correspondentes à ocupação romana republicana destaque-se os fragmentos de cerâmica campaniense, um dos quais identificado com a forma 3 de Lamboglia (910) e outro em que se observam círculos concêntricos na superfície interna, devido ao empilhamento para cozedura no forno (911, fig.15). Foi também exumado um fragmento de ânfora (483), idêntico aos reconhecidos

na área 7, correspondente a contentor vinário itálico Dressel 1.

O projétil de funda ovoide em cerâmica 299 (fig.16), ou *glans latericia*, agora proveniente da área 5, vem somar-se a outro publicado por Leite de Vasconcelos proveniente da Paxola, um ferragial na base da colina de Evoramonte, oferecido ao então Museu Etnográfico Português pelo prior da vila (Vasconcellos, 1918, 78, fig.4). Tratam-se de artefactos bastante mais raros que as *glandes plumbiae* e seriam empregues em actividades como a caça às aves, o treino militar, ou mesmo a transmissão de mensagens, podendo também ser utilizadas como projécteis incendiários (Guerra, 1987, 161-177). A sua presença na Península Ibérica está assinalada em Numância, com bom número de

exemplares (Schulten, 1927, tafel 43, nº42-44), e em Azuaga (*Apud* Guerra, 1987, 161-177).

A fibula 249 da área 5 conserva o eixo, os discos terminais e parte da mola. Embora o fusilhão esteja fragmentado, o eixo suporta uma mola bilateral e simétrica nesta tipologia (fig.17). Trata-se de uma fibula denominada de tipo transmontano ou 4h Schüle, de pé alto, presença frequente em contexto romano republicano (Ruivo, 1993/94, 375; Ponte, 2004). A sua presença no acampamento militar da Lomba do Canho levanta questões, nomeadamente por se associar comumente a sua utilização ao vestuário feminino, podendo neste caso significar o uso entre os homens, ou simplesmente a presença de populações civis acompanhando o avanço da conquista (Nunes, Fabião, Guerra, 1989, 410). Refira-se a sua presença em contextos do II-I a.C., como Vaiamonte (Fabião, 1998, vol.1, 193; Ponte, 2006), Cáceres el Viejo (Beltrán Lloris, 1976) e Villasviejas el

Tamuja (Ongíl Valentin, 1991).

Em nível de revolvimento da sondagem 3 [305] destaque-se o único exemplar de vidro da época romana com ornamentação (835, fig.14), idêntico aos que descrevemos, no qual foram aplicadas linhas incisas onduladas serpentiformes, três paralelas e outra mais afastada, tipo grinalda. Em Conímbriga foram exumados em estratigrafia dos séculos IV e V vidros decorados com cordões serpentiformes, nomeadamente fundos decorados pertencentes a taças tom verde azeitona (Alarcão *et al.*, 1976, 228, Planche XLIII, nº222). Também designada por decoração “en rosette” a peça possuía fios de vidro provavelmente branco, subsistindo apenas o *sillon* provocado pela sua aplicação. Este tipo de ornamentação é muito utilizado a partir de finais do século IV até ao VI da nossa era, surgindo maioritariamente na Renânia, Bélgica e Nordeste da França (Alarcão *et al.*, 1976, 195).

### 3) DO BRONZE FINAL À ÉPOCA ROMANA NA PLATAFORMA SUPERIOR DA COLINA DE EVORAMONTE

Os dados resultantes da intervenção de salvaguarda realizada na envolvente do Paço de Evoramonte apontam para uma ampla diacronia de ocupação, concretizada na estrutura defensiva que circundaria o ponto mais elevado desta colina e nos materiais desde o Bronze Final até ao conjunto de vidros romanos do século IV d.C.

O sítio é em termos geográficos, a par de São Gens, um dos pontos mais altos da Serra de Ossa, cuja fronteira natural no sentido Norte-Sul é atravessada por várias portelas, entre as quais se destacam São Gens e a Pia do Lobo. Estas conferem à paisagem uma boa transitabilidade natural, acrescida do acesso ao eixo do Tejo-Guadiana, do qual Evoramonte claramente beneficia (Calado, 2001, 20-21). Assim, dominada pelas bacias destes rios principais, a rede hidrográfica na região remete para ribeiras com orientação NW-SE e N-S. O acesso à água a partir da área mais elevada do arqueossítio seria pautado por deslocações pelas extensas encostas, até às ribeiras de Alcaravissa e Tera, a norte da vila, e também à fonte, de arquitectura medieval/moderna, no sopé da encosta. No contexto geomorfológico do I milénio a.C., os declives seriam igualmente acentuados e os fenómenos meteorológicos associados ao elevado volume de afloramentos rochosos teriam efeitos erosivos severos, que limitavam certamente a utilização agrícola do solo (Carvalhosa et

*al.*, 1987, 12).

A análise do povoamento do Bronze Final na região, plasmada em “lugares centrais”, remete para implantações de cumeada comportando, em casos como a Coroa do Frade (Arnaud, 1979; *Ibid.*, 1995, 43) ou o Outeiro do Circo (Silva e Gomes, 1992, 245, fig.37, B; Serra e Porfírio, 2008), uma diversidade de recintos muralhados. Prospecções de superfície efectuadas por Manuel Calado<sup>2</sup> no espaço exterior às muralhas medievais levantaram a hipótese dos grandes taludes da encosta pertencerem a anéis defensivos do Bronze Final, cuja área rondaria os 8-10ha (Calado, Rocha, 1996-7, 37; *Ibid.*, 1997, 103).

Com importantes ocupações deste período, centralizadoras de recursos e hierarquias, mencionem-se os sítios do Castelo do Giraldo (Mataloto, 1999), Vaiamonte (Fabião, 1996; *Ibid.*, 1998, vol.1, 175), São Bartolomeu em Sousel (Calado, Mataloto, Pisco, 1999, 5), Alto de São Gens (Calado, Mataloto, Pisco, 1999, 7; Mataloto, 2004) e o Castelo da Serra d’Ossa (Calado e Rocha, 1996-7, 37; *Ibid.*, 1997, 103; Calado, Mataloto, Pisco, 1999, 7; Calado e Mataloto, 2001), numa provável esfera de interacção com a colina de Evoramonte.

Nesse sentido importa referir que o aparelho construtivo da estrutura detectada na sondagem 3 se assemelha aos descritos nos sistemas defensivos do

Outeiro do Circo, Castro dos Ratinhos e Passo Alto. No Outeiro do Circo, em Beja, a construção é em pedra seca, composta por lajes de xisto e quartzito com cunhas para estabilização da estrutura (Serra, Porfírio, Ortiz, 2008, 164). No Castro dos Ratinhos o “muro” interno possui grandes lajes de xisto sobrepostas e paramento exterior de lajes e blocos de xisto encaixadas em talude; o respectivo enchimento está rematado pelo interior por alinhamento de grandes lajes planas fincadas (Berrocal-Rangel e Silva, 2007, 176; Silva e Berrocal-Rangel, 2008, 226). Na muralha do Passo Alto verifica-se a mesma técnica (Soares, 2003, 302).

A estrutura fortificada detectada em Evoramonte, implantada sobre uma curva de nível, poderá assim ser identificada com o último reduto defensivo do assentamento aí existente no Bronze Final e possivelmente ocupado durante a Idade do Ferro. Este circundaria hipoteticamente a actual plataforma superior da colina, onde veio a ser erguido o paço quinhentista. Estes vestígios arqueológicos, embora limitados pelo seu estado de conservação e pela reduzida área de intervenção do projecto de salvamento, integram Evoramonte na rede de povoados de cumeada do Alentejo Central desta época. Esta rede seria extensível a assentamentos com o mesmo tipo de implantação na Extremadura espanhola, como Aliseda e El Risco (Pávón Soldevilla, Rodríguez Díaz, Enríquez Navascués, 1998).

Os vestígios detectados na área 7, bem como em contextos de revolvimento, parecem corroborar a ideia de que Evoramonte foi um dos núcleos populacionais indígenas da região, entre finais do século II e inícios do século I a.C., a par de arqueossítios como os Castelos do Monte Novo (Évora), o Castelo Velho de Veiros (Estremoz), Vaiamonte (Monforte) e o Castelo Velho do Degebe (Reguengos de Monsaraz) (Mataloto, 2008, 144). A estrutura aqui descoberta, implantada num espaço limítrofe da plataforma ovalada superior, poderá ter pertencido a uma das construções anexas a um edifício principal que dominaria o topo, onde hoje se encontra a torre quinhentista. O silhar paralelipipédico colapsado, único material de maior envergadura e melhor talhe encontrado, poderá ter pertencido a esse edifício, cujos materiais foram certamente reutilizados, ou então ter servido como cunhal de reforço estrutural, como sucede por exemplo na *villa* romana de Torre de Palma (Lancha e André, 2000, 91). O revestimento do chão com argila compactada também encontra paralelo no compartimento SS17 da *pars urbana* desta *villa*, onde

servia como camada de preparação (*Ibid.*, 2000, 53).

Efectivamente Evoramonte preenche descritores alusivos aos fortins tardo-republicano e de inícios do Império (Mataloto, 2002), como a localização privilegiada em altura e o controlo de vias naturais, associados a artefactos de guerra, como o projétil de funda, e outros caracterizadores dos inícios da ocupação romana, de são exemplo a fíbula dita “transmontana”, as ânforas Dressel 1, a cerâmica campaniense e o numisma de Sekaisa. Pode mesmo especular-se se a secção de estrutura detectada na área 7 não corresponderá a muros internos de compartimentos de um fortim semelhante aos Castelinhos do Rosário, cuja largura chega a atingir os 0,80m (Mataloto, 2002, 209), ou na linha dos recintos-torre da Extremadura espanhola, como Hijovejo, no qual se foram adicionando várias estruturas em torno da torre central (Ortiz Romero e Rodríguez Díaz, 1998, 269; Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 2003).

Em termos estratégicos, se observarmos a disposição NE-SO das estruturas fortificadas desta época na região, como o Castelo do Mau Vizinho (Arraiolos), Santa Justa (Arraiolos), Sempre Noiva - Vale de Sobrados (Évora), Vale d’El - Rei de Cima (Évora) e Castelo dos Mouros (Évora), concluímos que Evoramonte se situava sensivelmente no centro deste alinhamento, em posição estrategicamente dominante (Mataloto, 2002, 217, fig.71).

Os materiais exumados são semelhantes a sítios com idêntica característica, associando uma variedade tipológica e elevada percentagem de cerâmica local e regional de fundo indígena e espólio específico da época de chegada dos exércitos de Roma.

As pesquisas realizadas nos últimos anos (Alarcão, 1988; Calado e Rocha, 1996-7; *Ibid.*, 1997; Guerra, 1998; Alarcão, 2001) e as recentes intervenções arqueológicas na colina extramuros de Evoramonte (Mataloto, 2008, 144) têm reforçado a teoria da associação deste sítio à povoação de *Dipo*. Esta vem mencionada no traçado da via XII entre *Olisipo* e *Augusta Emerita* do Itinerário de Antonino, produzido em época imperial, associando-se a um miliário recolhido nas proximidades (Alarcão, 1988, 98; Alarcão, 2001, 39-42). Os achados que se noticiam neste texto, embora escassos, permitem aventar que, aquando da redacção do Itinerário, a colina de Evoramonte era povoada, um elemento que parece contribuir para a identificação de *Dipo* com este sítio.

Datado o colapso da estrutura encontrada na área 7 do século IV d.C., afigura-se mais complexo aferir a sua época de construção. Esta poderá ter ocorrido no

período marcado por profunda instabilidade aquando da chegada das tropas romanas, em torno do século II a.C., mantendo-se ocupado nas centúrias seguintes, embora se verifique nesta intervenção um aparente hiato de materiais entre os séculos I e IV d.C.. É, pois, considerável a possibilidade de, durante este espaço de tempo, a própria funcionalidade e arquitectura do edifício se tenha alterado, consoante a conjuntura sócio-política e a estabilidade do território de *Liberalitas Iulia Ebora* no contexto da ocupação romana.

A presença de abundantes fragmentos de *tegulae* e *imbrices* remete-nos para um conceito de cobertura dos edifícios exigindo projecto de engenharia e carpintaria para o travejamento, necessários ao suporte de um telhado robusto e pesado. Os estudos realizados em Torre de Palma exibem telhados do século IV d.C. de uma ou duas águas consoante a orientação e funcionalidade do edifício (Lancha e André, 2000, Estampa XXX). O *opus incertum* das paredes constituídas por xisto, terra ligante e barro cozido, bem como o preenchimento das irregularidades do afloramento com pedras, afigura-se semelhante à tecnologia empregue em edificações do século I em Torre de Palma que aliás perduraram pelos séculos de existência da *villa* (Lancha e André, 2000, 95-6).

A aferição da relação de complementariedade entre a área entorno da torre ducal e os vestígios

arquitectónicos e materiais descobertos pelas recentes intervenções arqueológicas na vertente Sudeste extra-muralha medieval denotam uma contemporaneidade de ocupação, através do espólio de cronologia romano-republicana de finais do século II a.C. aos inícios do seguinte, traduzido nas ânforas Dressel 1 e na cerâmica campaniense (Mataloto e Alves, 2008).

Os resultados desta intervenção, ainda que limitados pelas reduzidas áreas intervencionadas, permitem apontar dois momentos de ocupação no topo da colina onde se veio a implantar a torre quinhentista de Evoramonte.

\*

Queremos deixar expresso o nosso agradecimento pelo precioso auxílio dado pelo João Pimenta e pelo Eurico Sepúlveda no estudo do material anfórico e vítreo, os elementos bibliográficos facultados pelo Samuel Melro, as trocas de impressões sobre o sítio com o Rui Mataloto, a ajuda na composição do material gráfico da Patrícia Carvalho e do Joaquim Pinhão e a disponibilidade interessada para esclarecer problemáticas respeitantes a estas épocas do Professor Carlos Fabião, que nos lançou mais uma vez importantes pistas de investigação.

## BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, J.(1963) - Vidros romanos do Museu Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 73
- Alarcão, J.; Delgado, M.; Mayet, F., Alarcão, A.M.; Ponte, S. (1976) - *Fouilles de Conímbriga*, VI, p.155-223
- Alarcão, J. (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América
- Alarcão, J. (2001) - A localização de Dipo e Evandriana. *Al-Madan*. Almada. II<sup>a</sup> Série, 10, p.39-42
- Alarcão, J.; Alarcão, A. (1965) - *Vidros romanos de Conímbriga*. Coimbra: Museu Monográfico de Coimbra
- Antunes, A.S. (2000) - Vidros Romanos da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.3, nº2, p.153-199
- Antunes, A.S. (2008) - Officina Vítreia de Parreitas: contributo para o conhecimento da produção de vidro na Lusitânia durante a Antiguidade Tardia, *A região de Alcobaça na época romana. A estação arqueológica de Parreitas (Bárrio)*. Pedro Gomes Barbosa (Coord.), Município de Alcobaça, p.156-337
- Arnaud, J.M. (1979) – Coroa do Frade: Fortificação do Bronze final dos arredores de Évora. Escavações de 1971-72. *Madritter Mitteilungen*, 20, p.56-100
- Arnaud, J.M. (1995) - Coroa do Frade: Uma Fortificação do Bronze Final dos Arredores de Évora. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, IPM-MNA, p.43
- Beltrán Lloris,M. (1976) - La cerámica del campamento de Cáceres el Viejo (Cáceres), V, CEE, Badajoz, p.1-22
- Berrocal-Rangel, L. (1992) - *Los Pueblos Célticos del Suroeste de la Península Ibérica*, Madrid, Complutum Extra, 2
- Berrocal-Rangel, L.; Triviño, coord. (2003) - *El Depósito Alto-Imperial de Capote (Higuera de La Real, Badajoz)*, Memórias de Arqueología Extremeña, 5

## VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E ROMANA NA ENVOLVENTE DA TORRE DE EVORAMONTE: RESULTADOS DE UMA INTERVENÇÃO DE SALVAGUARDA

- Calado, M. (1993) – “A Idade do Bronze”. *História de Portugal*, Medina, J.; Gonçalves, V. S.(Edit.). Ediclube: Amadora, Vol. I, p. 327-353.
- Calado, M.; Deus, M.; Mataloto, R.(1999) - O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar. *Revista de Guimarães – volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia– Centenário da morte de Martins Sarmento*. Guimarães. Sociedade Martins Sarmento, p. 759-774
- Calado, M.; Mataloto, R.(2001) - *Carta Arqueológica do Concelho do Redondo*, Câmara Municipal do Redondo
- Calado, M.; Mataloto, R.; Pisco, M.; (1999) - Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães – volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia– Centenário da morte de Martins Sarmento*. Guimarães, p. 363-386.
- Calado, M.; Rocha, L., (1996-97) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora. IIª Série. 2-3, p. 35-54.
- Calado, M.; Rocha, L., (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Vila Viçosa. 1, p.99-130
- Carvalhosa, Gonçalves, F., Oliveira V. (1987) - *Notícia Explicativa da Folha 36-D Redondo*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- Costa, T.; Liberato, M. (2009) - *Intervenções arqueológicas na envolvente da Torre de Evoramonte*. Relatório final. Crivarque, Lda, texto policopiado.
- Costa, T.; Liberato, M. (2008) - Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados. *Vipasca, Arqueologia e História*, nº2, 2ª Série, p. 632-642.
- Costa, T.; Liberato, M. (2005) - *Sondagens de diagnóstico na Torre de Evoramonte*. Relatório final. Crivarque, Lda, texto policopiado.
- Costa, T.; Pinho, J.; e Liberato, M. (2007)-*Acompanhamento arqueológico na envolvente da Torre de Evoramonte*. Relatório final. Crivarque, Lda, texto policopiado.
- Fabião, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, Vol.II, texto policopiado
- Fabião, C. (1996) - O povoado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade-Revista Cultural de Portalegre*. Nova Série. Lisboa. 11, p. 31-80.
- Fabião, C.; Guerra, A. (1996) - A cerâmica campaniense do acampamento romano da Lomba do Canho(Arganil), *Ophiussa*, N°0, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, p.109-131
- Gamito, T. J. (1987) - O castro de Segóvia (Elvas, Portugal), ponto fulcral na primeira fase das Guerras de Sertório, *O Arqueólogo português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. - S. 4, Vol. 5, p. 149-160
- Gamito, T.J. (1996) - O Castro de Segóvia e a componente céltica em Território Português. *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, MNA-IPM, p.107-111
- Garcia-Bellido, M., P.; Cruces Blázquez, M. (2001) - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos: con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica*. Madrid, Vol.II, p.342-349
- Garcia Díez, F.; Sáez Abad, R. (2007) - La Artillería en la Hispania Romana, Metalistería de la Hispania Romana, Sautuola/XIII, Carmelo Fernández Ibáñez (Ed.).
- Grilo, C. (2006) - *A Rua do Sembrano e a Ocupação Pré-Romana de Beja*. Tese de Mestrado apresentada à FLUL. Lisboa. Exemplar policopiado.
- Guerra, A. (1998) - *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente Peninsular*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Texto policopiado.
- Harden, D.B. (1960) – *Journal of Glass Studies*, Vol.II, p.44-81
- Hernández Hernández, F. (1993) - El Yacimiento de Villasviejas y el Proceso de Romanización, *El proceso Histórico de La Lusitania oriental en Epoca Preromana y Romana (Cuadernos Emeritenses)*, p.115-143
- Isings, C. (1957) - *Roman Glass from dated finds*, Groningen, II, J.B.Walters
- Lamboglia, N. (1952) - Per una classificazione preliminare della ceramica campana. In *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Liguri*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, p. 139-206.
- Lancha, J.; André, P. (2000) – Torre de Palma. Corpus dos mosaicos Romanos em Portugal.
- Langley, M.; Mataloto, R.; Boaventura, R.; Gonçalves, D. (2007) - A ocupação da Idade do Ferro de torre de Palma: “escavando nos fundos” do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 25, p.229-290
- Mataloto, R. (2008) - O Castelo dos Mouros (Graça do Divor, Évora): a arquitectura “ciclópica” romana e a romanização dos campos de *Liberalitas Iulia Ebora*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 11, Nº1, pp.123-147
- Mataloto, R. (2004) - Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d’Ossa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 7, nº2, p.139-173

## V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- Mataloto, R. (2002) - Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da "romanização" dos campos, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.5, nº 1, p.161-220
- Mataloto, R. (1999) - As ocupações proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). *Revista de Guimarães – volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia– Centenário da morte de Martins Sarmento. Guimarães. Sociedade Martins Sarmento*, p. 333-362.
- Mataloto, R.; Alves, C. (2008) - Evoramonte: resultados preliminares da primeira campanha de escavação (2008). Poster apresentado ao IV Congresso de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Aracena.
- Mataloto, R.; Alves C.; Carvalho, M. (2008) - De Serra em Serra...instabilidade e conflito no final da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Vipasca, Arqueologia e História*, nº2, 2ªSérie, pp.242-249
- Moreira, A.B. (1997) - Vidros romanos do Noroeste Português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos. *Santo Tirso Arqueológico*, 2ªSérie, nº1, pp.13-82.
- Morel, J.P. (1980) - *Céramique campanienne. Les formes*. 2 vols. Rome : École française de Rome.
- Nolen, S.S. (1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares. Balsa*. IPM-MNA.
- Nolen, S.S. (1988) - Vidros de São Cucufate. *Coníbriga*, Coimbra. XXVII, p.5-60
- Nolen, S.S. (1993/94) - Uma coleção particular de vidros romanos. *Coníbriga*, XXXII-XXXIII, p.321-332
- Nunes, J.C.; Fabião, C.; Guerra, A. (1989) - O acampamento militar da Lomba do Canho (Arganil): ponto da situação, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, p.410
- Ongil Valentín, M. I. (1991) - Villasviejas el Tamuja (Botica, Cáceres). El poblado (1986-1990). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres: Universidad de Extremadura. II, p. 247-254.
- Ortiz Romero, P.; Rodríguez Díaz, A. (1998) - Culturas Indígenas Y Romanización En Extremadura: Castros, Oppida Y Recintos Ciclópeos. *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economía Y Poblamiento*, Rodríguez Díaz, A., Ed. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 247-278.
- Pavon Soldevilla, I.; Rodríguez Díaz, A.; Enríquez Navascués, J. (1998) - El poblamiento protohistórico en el Tajo Medio: Excavaciones de urgencia en el Risco y Aliseda (Cáceres). *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economía y Poblamiento*; Rodríguez Díaz, A. (Coord.), Universidad de Extremadura, Cáceres, p.121-156.
- Rodríguez Díaz, A.; Ortiz Romero, P. (2003) - Defensa y territorio en la Beturia: castros, oppida y recintos ciclópeos. In *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto*. León: Universidad; Madrid: Casa de Velázquez, pp. 219-251.
- Rodríguez Díaz, A.; Pavón Soldevilla, I. (1999) - *El Poblado Protohistórico de Aliseda (Cáceres)*. Campaña de urgencia de 1995. Aliseda: Ayuntamiento de Aliseda.
- Ponte, S. da (2004) - Retrospectiva sobre as fibulas proto-históricas e romanas de Portugal. *Coníbriga*, XLIII, p.199-213
- Ponte, S.da (2006) – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas de Portugal*, Caleidoscópio
- Ruivo, J.S. (1993/1994) - Fíbulas do território de Collipo. *Coníbriga*, XXXII-XXXIII, pp.371-382
- Rütti, B. (1991) - *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugust, Augst: Forschungen in August*, 13/1 e 13/2
- Sarrazola, A.; Silva, I.M.; Coelho, M.B.; Melro, S.(2001) - Intervenções arqueológicas na Marinha Baixa (Cacia/Aveiro), *Era, Arqueologia*, nº3, Julho 2001, p.24-43.
- Schulten, A. (1927) - *Numantia*, Vol.III, Munchen.
- Schulten, A. (1929) - *Numantia*, Vol.IV, Munchen.
- Serra, M.; Porfírio, E.; Ortiz, R. (2008) - O Bronze Final no Sul de Portugal. Um ponto de partida para o estudo do povoado do Outeiro do Circo, *Vipasca, Arqueologia e História*. N° 2. 2ª série, p. 163-170
- Silva, A.F.C.; Gomes, M.V. (1992) - *Proto-história de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa
- Silva, I.; Raposo, L. (Coord.) (2009) – *Vita Vitri, O vidro antigo em Portugal*, IMC-MNA, p.63-64
- Soares, A. M.M. (2003) - “O Passo Alto: uma fortificação única do Bronze Final do Sudoeste”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 6.Nº 2, p.293-312
- Vasconcellos, J.L. de (1918) - Antigualhas de Evoramonte, *O Arqueólogo Português*, Lisboa: Museu Ethnographico Português, S.1, vol.1-12, nº9 (Jan.-Dez.1918), p.78-81

## NOTAS

- 1 - Intervenções arqueológicas realizadas pela Crivarque, Lda sob direcção científica da signatária e Marco Liberato.
- 2 - [www.crookscape.blogspot.com](http://www.crookscape.blogspot.com): Evora Monte: as paisagens invisíveis, de 08 de Janeiro 2007

**VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E ROMANA NA ENVOLVENTE DA TORRE DE EVORAMONTE: RESULTADOS DE UMA INTERVENÇÃO DE SALVAGUARDA**



Fig.1 - Localização de Evoramonte na Península Ibérica

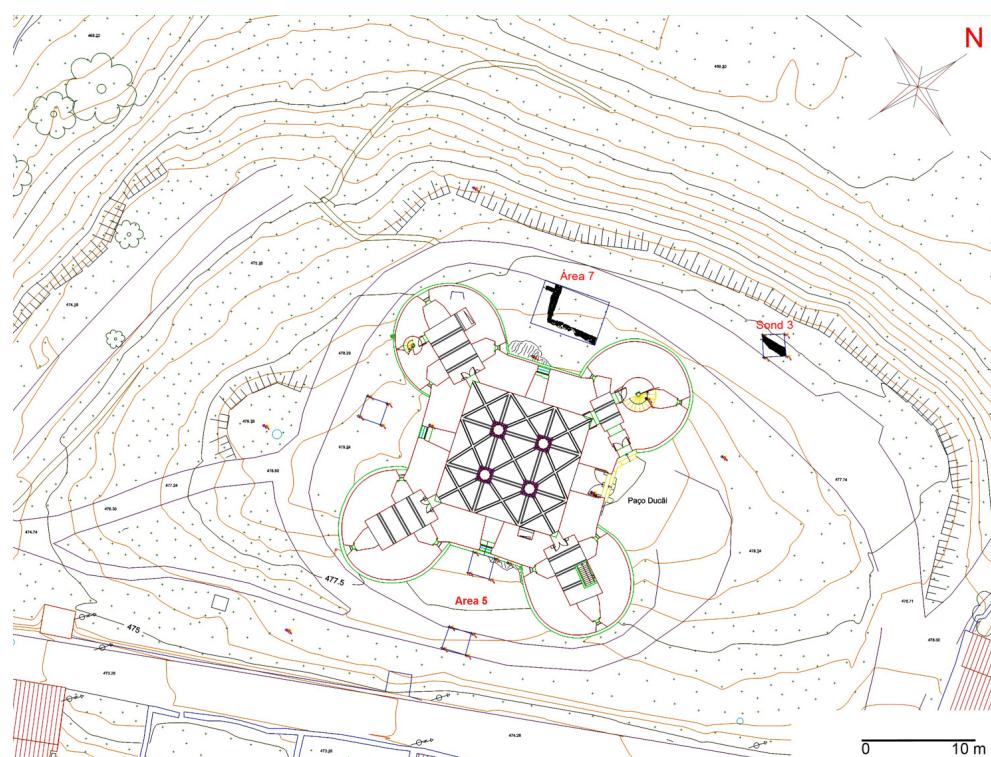


Fig.2 - Implantação das estruturas na área intervencionada

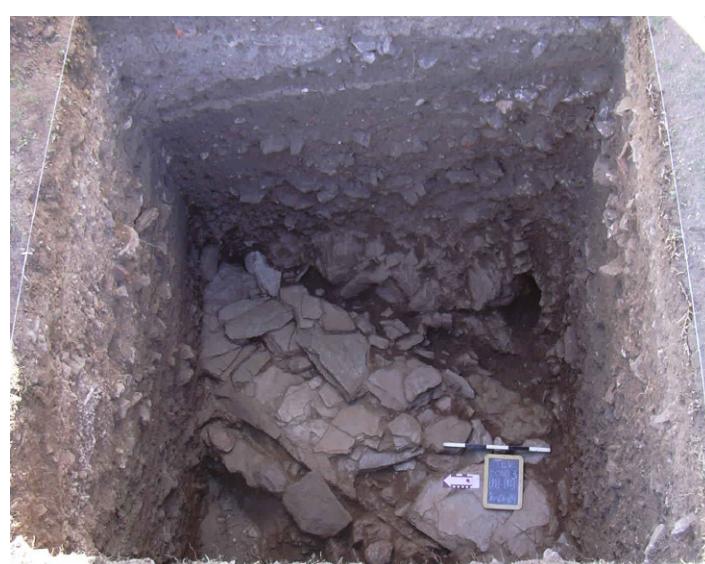


Fig.3 - Estrutura defensiva da sondagem 3

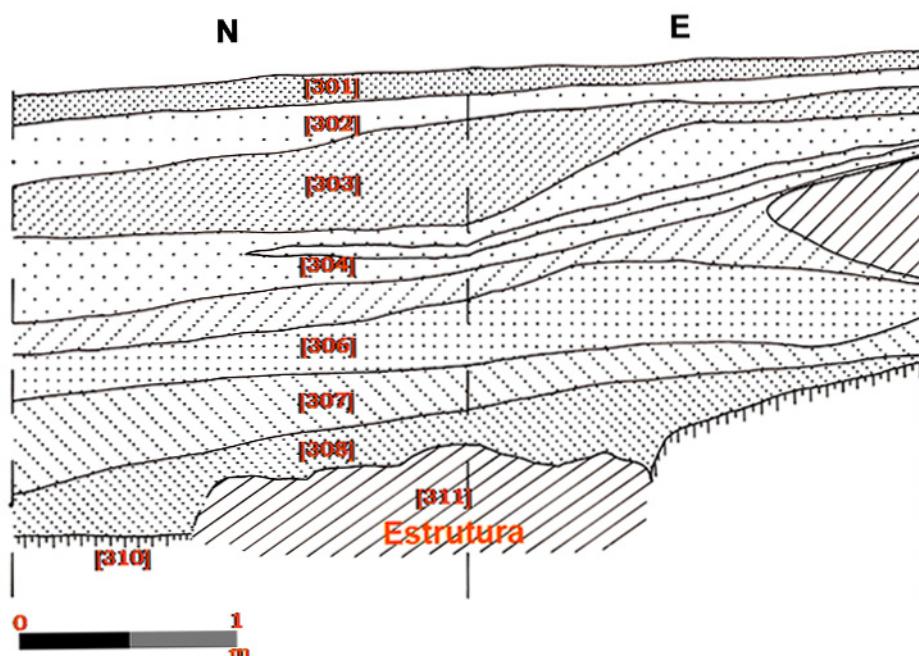


Fig.4 - Cortes Norte e Este da sondagem 3

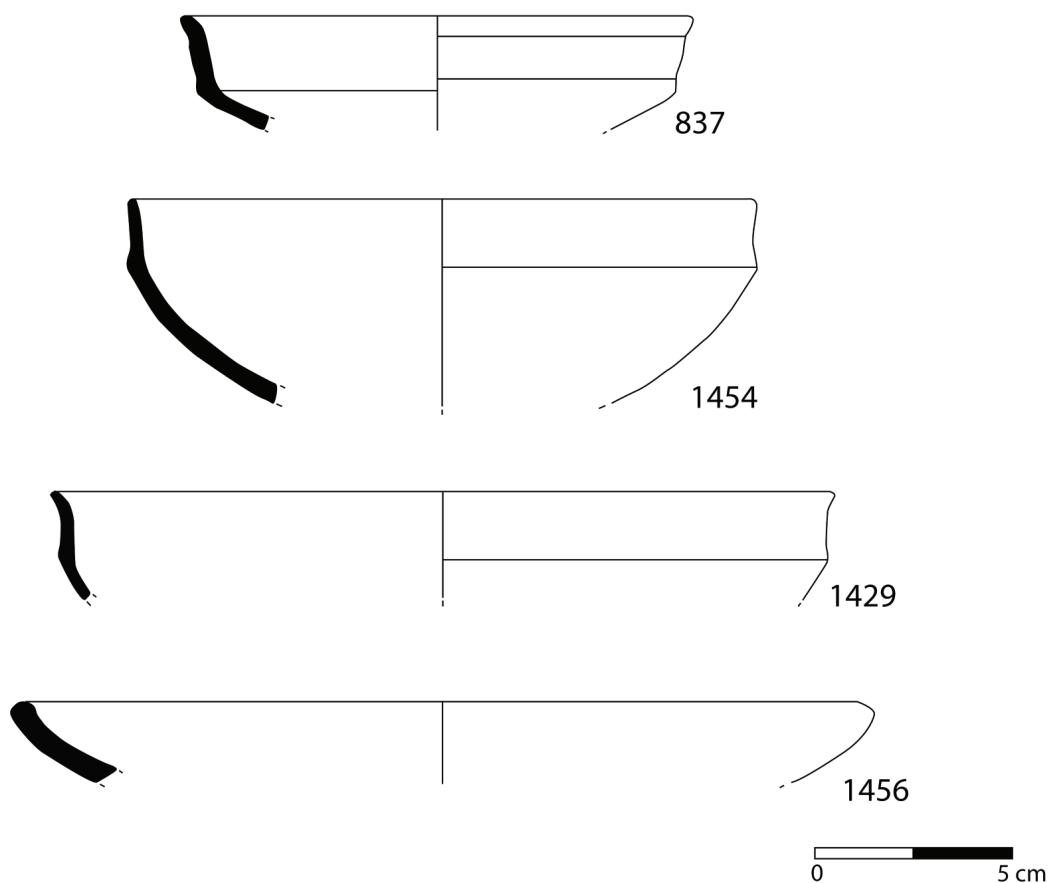


Fig.5 - Materiais da unidade [308] da sondagem 3

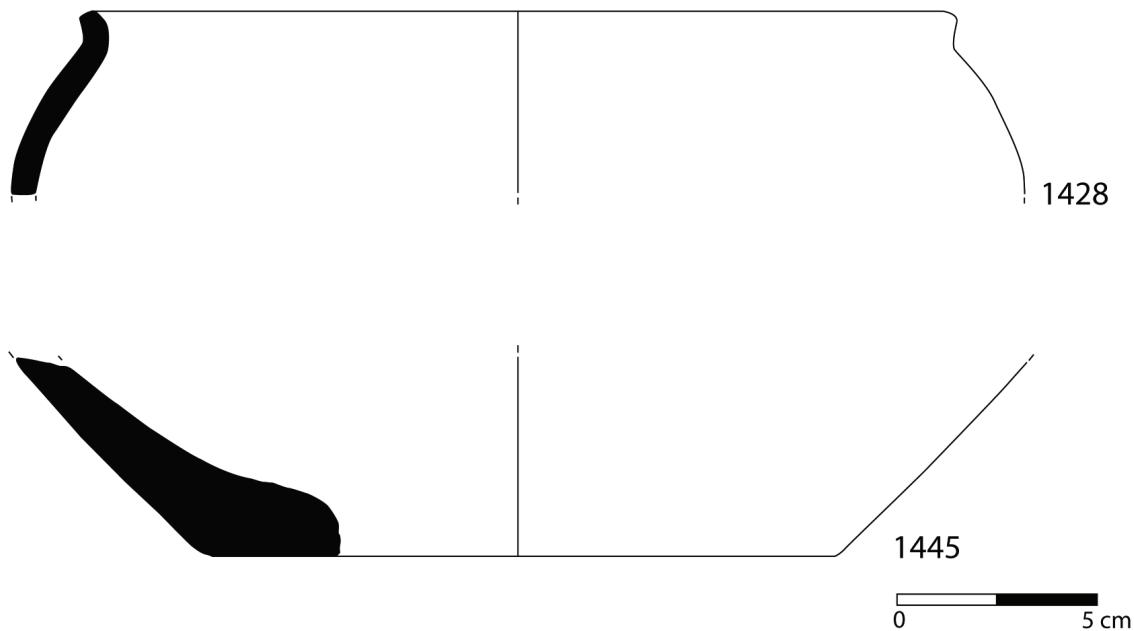


Fig.6 - Recipientes de armazenagem da unidade [308]

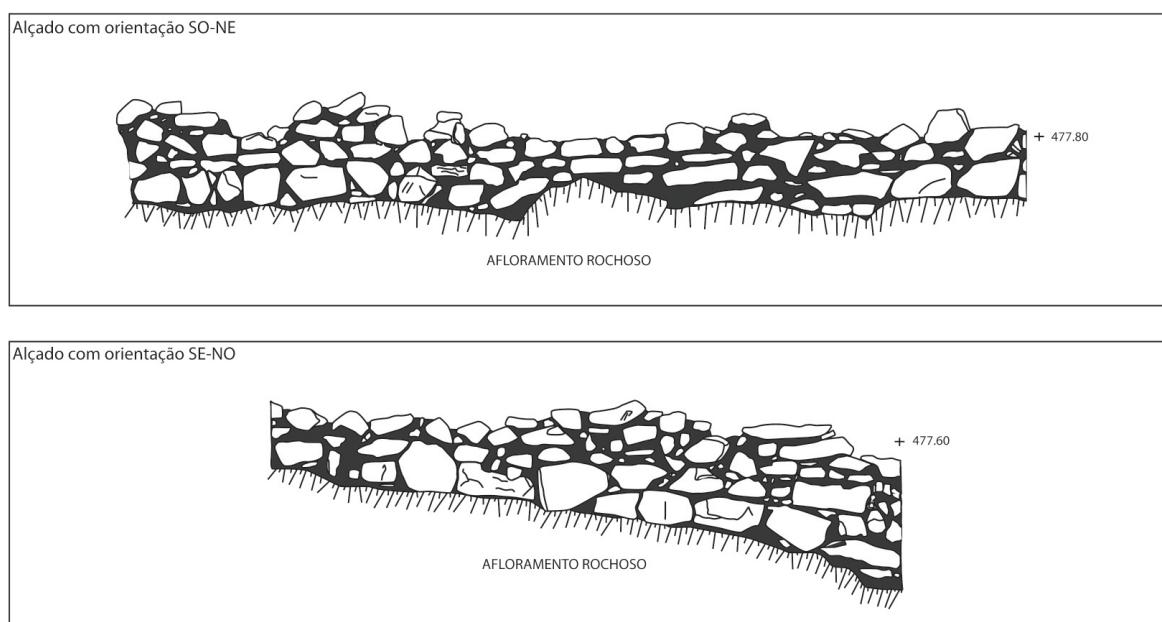


Fig.7- Alçados da estrutura da área 7



Fig.8 - Plano final da estrutura da área 7

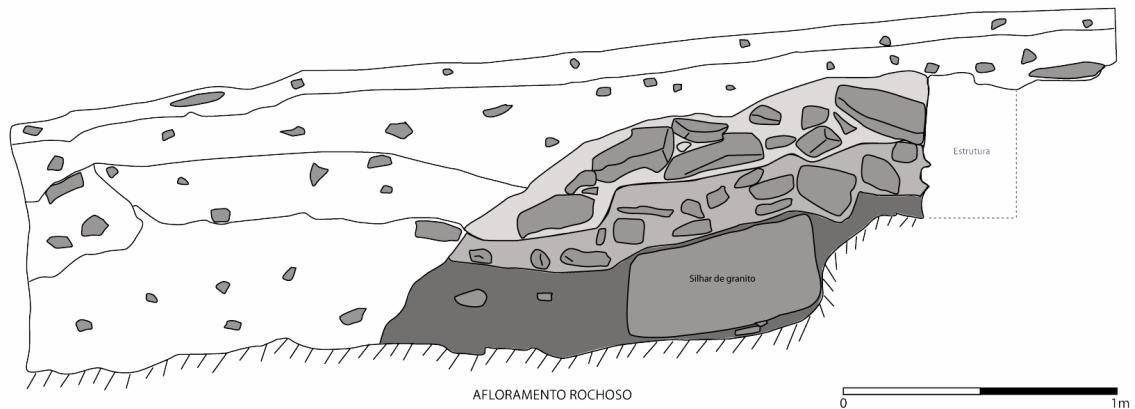


Fig.9 - Corte Este da área 7

VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E ROMANA NA ENVOLVENTE DA TORRE DE EVORAMONTE: RESULTADOS DE UMA INTERVENÇÃO DE SALVAGUARDA



Fig.10 - Corte Norte da sondagem 7

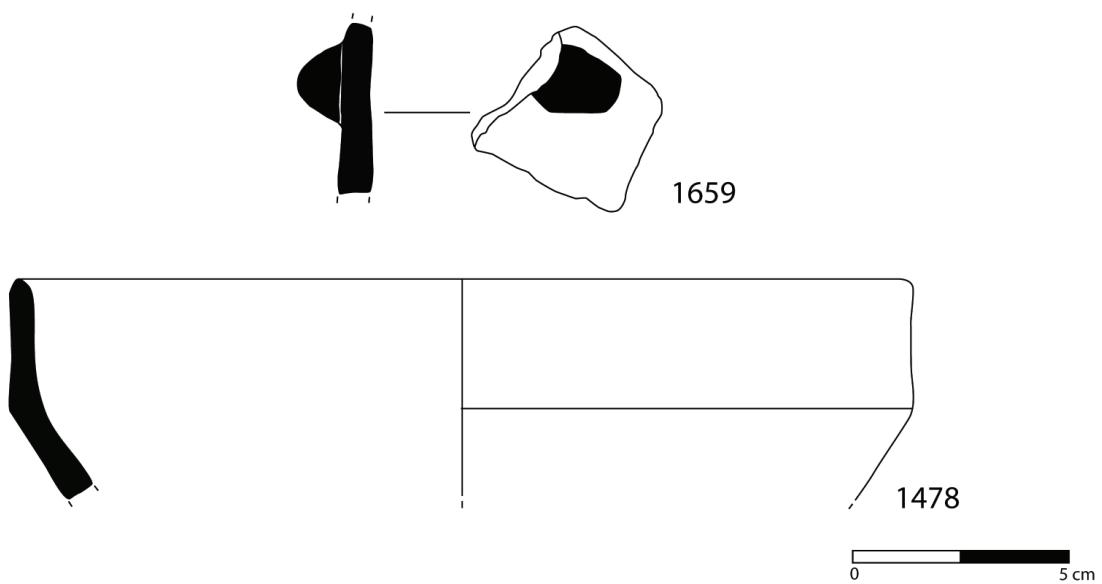


Fig.11 - Material na tradição do Bronze Final da área 7

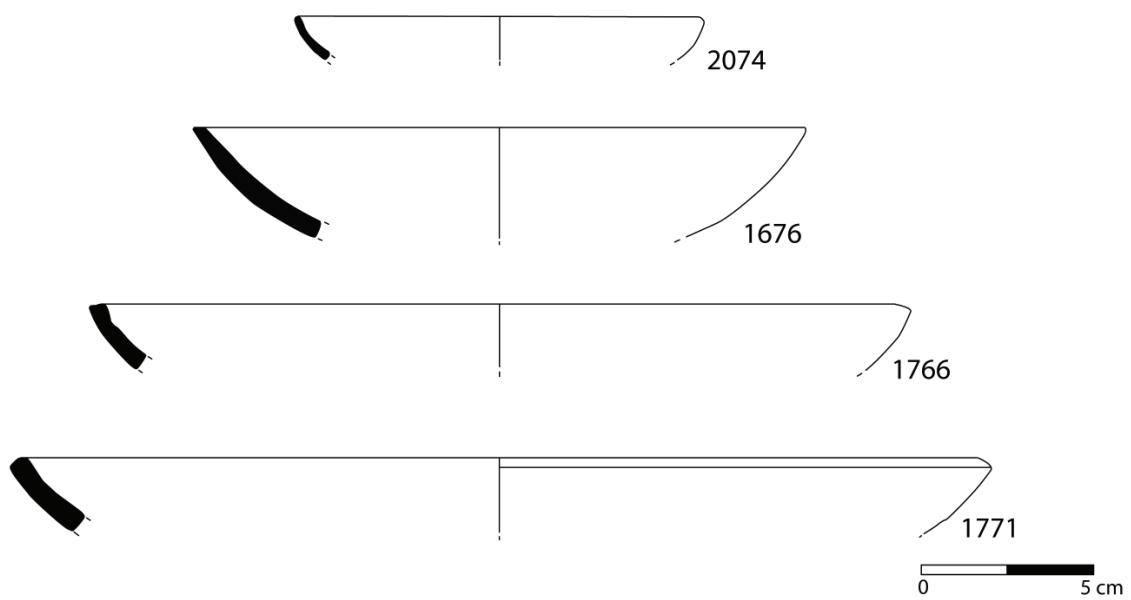


Fig.12 - Taças exumadas na área 7

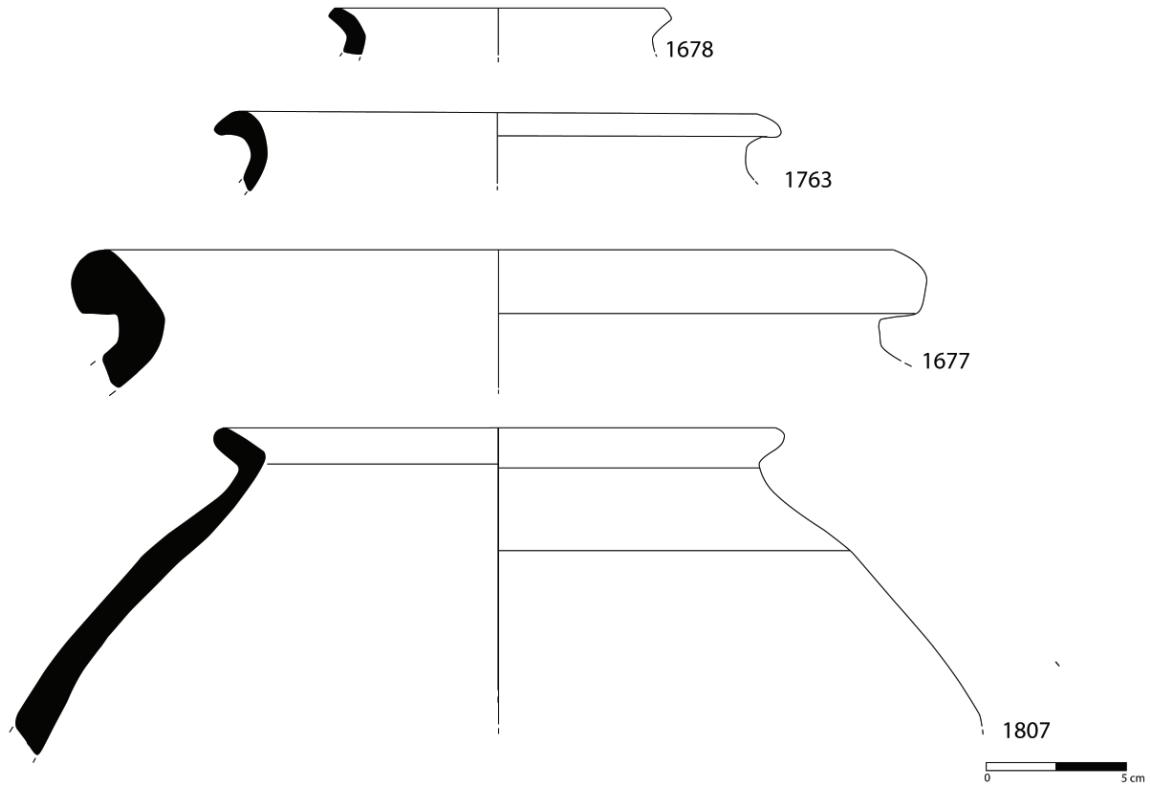


Fig.13 - Recipientes de armazenagem da área 7

VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E ROMANA NA ENVOLVENTE DA TORRE DE EVORAMONTE: RESULTADOS DE UMA INTERVENÇÃO DE SALVAGUARDA

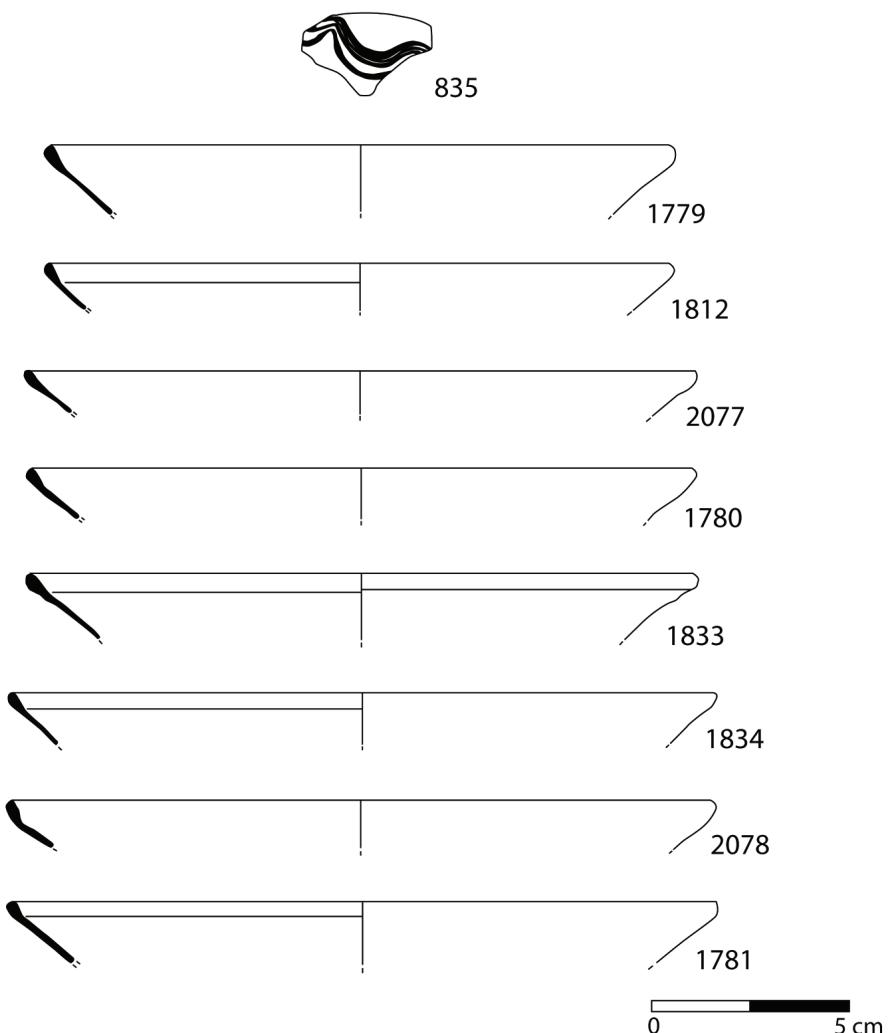


Fig.14 - Espólio vítreo



Fig.15 - Cerâmica campaniense nº 911



Fig.16 - Projéctil de funda nº 299



Fig.17 - Fíbula de tipo "transmontano" nº 249

**VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO PROTO-HISTÓRICA E ROMANA NA ENVOLVENTE DA TORRE DE EVORAMONTE: RESULTADOS DE UMA INTERVENÇÃO DE SALVAGUARDA**

Nºinv.	U.E.	Descrição do fragmento					Dimensões máx.(mm)			Forma
		Morfologia	Luminosidade	Qualidade	Cor*	Irisão	Alt.	Esp.	Diâm.	
835	305	Parede	Translúcido	Boa	Blaugrün 319	Sim	21	2		Copo cilíndrico-cónico
1779	736	Bordo	Translúcido	Boa	Saftgrün 577	Sim	23	3	16	Taça de parede recta
1780	736	Bordo	Translúcido	Boa	Saftgrün 577	Sim	17	1	17	Taça de parede recta
1781	736	Bordo	Translúcido	Boa	Saftgrün 577	Sim	23	2	18	Taça de parede recta
1784	736	Parede	Translúcido	Boa	Saftgrün 577	Sim	29	2		Copo cilíndrico-cónico
1812	742	Bordo	Translúcido	Média	Saftgrün 577	Sim	15	2	16	Taça de parede recta
1833	735	Bordo	Translúcido	Boa	Saftgrün 577	Sim	24	2	17	Taça de parede recta
1834	735	Bordo	Translúcido	Boa	Blaugrün 319	Sim	17	2	18	Taça de parede recta
1835	735	Parede	Translúcido	Média	Blaugrün 319	Sim	21	1		Indefinida
2077	706	Bordo	Translúcido	Média	Saftgrün 577	Sim	15	2	17	Taça de parede recta
2078	710	Bordo	Translúcido	Boa	Saftgrün 577	Sim	16	2	18	Taça de parede recta

\* Utiliza-se a tabela cromática de Pantone de Letraset (Rütti, 1991, 13/2, p.432), aplicado aos materiais de Augst.

Quadro 1 - Inventário dos vidros